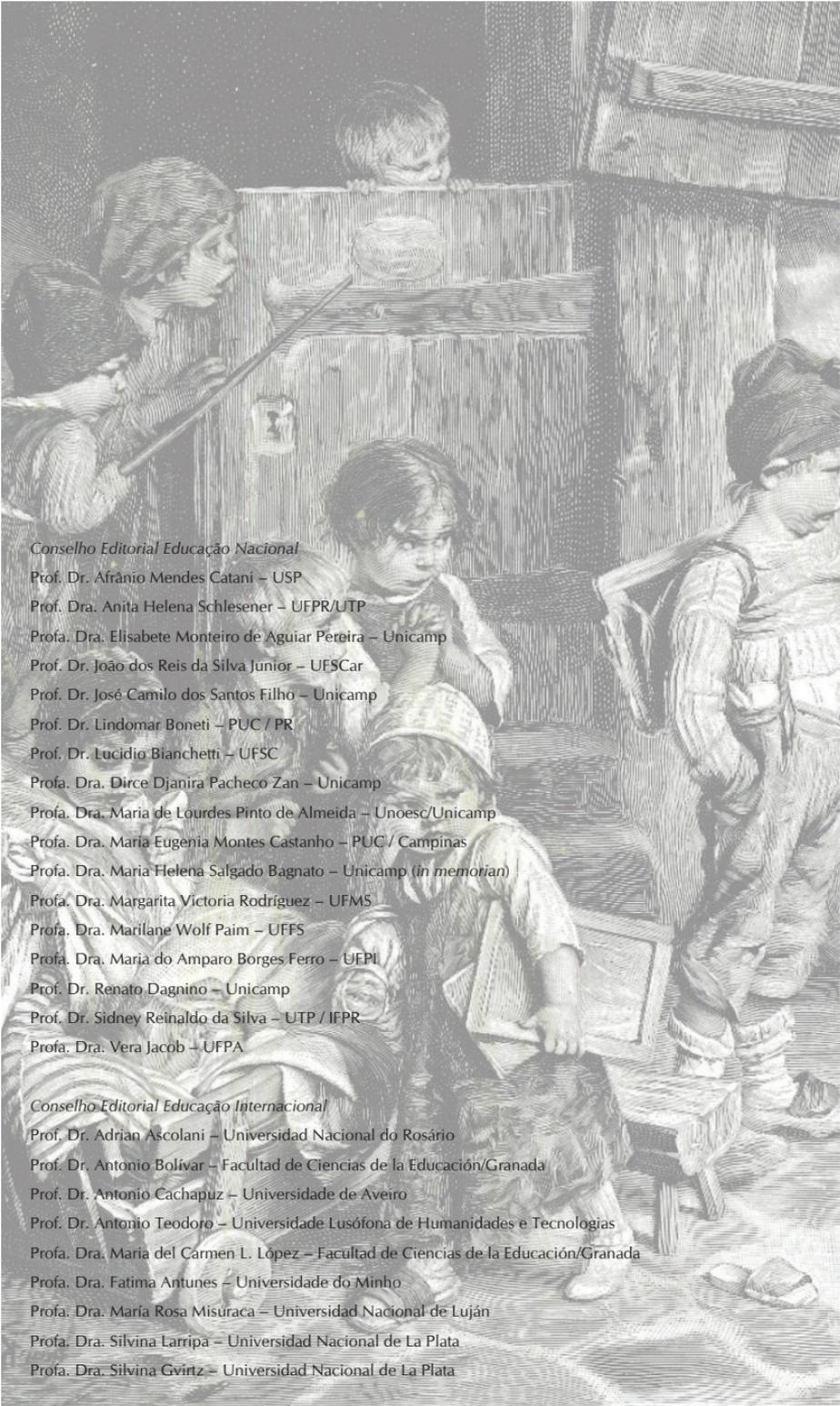


EMOÇÕES & EDUCAÇÃO

*A construção histórica
da educação emocional*



Conselho Editorial Educação Nacional

- Prof. Dr. Afrânio Mendes Catani – USP
Prof. Dra. Anita Helena Schlesener – UFPR/UTP
Prof. Dra. Elisabete Monteiro de Aguiar Pereira – Unicamp
Prof. Dr. João dos Reis da Silva Junior – UFSCar
Prof. Dr. José Camilo dos Santos Filho – Unicamp
Prof. Dr. Lindomar Boneti – PUC / PR
Prof. Dr. Lucídio Bianchetti – UFSC
Prof. Dra. Dirce Djanira Pacheco Zan – Unicamp
Prof. Dra. Maria de Lourdes Pinto de Almeida – Unoesc/Unicamp
Prof. Dra. Maria Eugenia Montes Castanho – PUC / Campinas
Prof. Dra. Maria Helena Salgado Bagnato – Unicamp (*in memoriam*)
Prof. Dra. Margarita Victoria Rodríguez – UFMS
Prof. Dra. Marilane Wolf Paim – UFFS
Prof. Dra. Maria do Amparo Borges Ferro – UFPI
Prof. Dr. Renato Dagnino – Unicamp
Prof. Dr. Sidney Reinaldo da Silva – UTP / IFPR
Prof. Dra. Vera Jacob – UFPA

Conselho Editorial Educação Internacional

- Prof. Dr. Adrian Ascolani – Universidad Nacional do Rosário
Prof. Dr. Antonio Bolívar – Facultad de Ciencias de la Educación/Granada
Prof. Dr. Antonio Cachapuz – Universidade de Aveiro
Prof. Dr. Antonio Teodoro – Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias
Prof. Dra. María del Carmen L. López – Facultad de Ciencias de la Educación/Granada
Prof. Dra. Fatima Antunes – Universidade do Minho
Prof. Dra. María Rosa Misuraca – Universidad Nacional de Luján
Prof. Dra. Silvina Larripa – Universidad Nacional de La Plata
Prof. Dra. Silvina Gvirtz – Universidad Nacional de La Plata



Agustín Escolano Benito

EMOÇÕES & EDUCAÇÃO

*A construção histórica
da educação emocional*

Tradução e Revisão Técnica

Heloísa Helena Pimenta Rocha

Andréa Bezerra Cordeiro

Pesquisa das referências bibliográficas:

Franciele Ferreira França

MERCADO®
LETRAS

Título obra espanhola: *Emociones & Educación*.
La construcción histórica de la educación emocional
Berlanga de Duero/Madrid, Visión Libros, 2018
© CEINCE – Centro Internacional de la Cultura Escolar

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Escolano Benito, Agustín

Emoções & educação : a construção histórica da educação emocional / Agustín Escolano Benito ; tradução e revisão técnica Heloísa Helena Pimenta Rocha, Andréa Bezerra Cordeiro. – Campinas, SP : Mercado de Letras, 2021.

Título original: *Emociones & educación*

ISBN 978-65-86089-74-5

1. Educação – Aspectos sociais
2. Educação – História
3. Emoções – Aspectos sociais I. Título.

21-69719

CDD-306.43

Índices para catálogo sistemático:

1. Educação emocional : Sociologia educacional 306.43

capa e gerência editorial: Vande Rotta Gomide
preparação dos originais: Editora Mercado de Letras
bibliotecária: Cibele Maria Dias – CRB-8/9427

DIREITOS RESERVADOS PARA A LÍNGUA PORTUGUESA:

© MERCADO DE LETRAS®

VR GOMIDE ME

Rua João da Cruz e Souza, 53

Telefax: (19) 3241-7514 – CEP 13070-116

Campinas SP Brasil

www.mercado-de-letras.com.br

livros@mercado-de-letras.com.br

1ª edição

2 0 2 1

IMPRESSÃO DIGITAL

IMPRESSO NO BRASIL

Esta obra está protegida pela Lei 9610/98.
É proibida sua reprodução parcial ou total
sem a autorização prévia do Editor. O infrator
estará sujeito às penalidades previstas na Lei.

SUMÁRIO

PREFÁCIO	7
PRÓLOGO	13
INTRODUÇÃO	
A DIMENSÃO EMOCIONAL DA FORMAÇÃO	17
A EDUCAÇÃO E AS EMOÇÕES.....	25
A REPRESENTAÇÃO DAS EMOÇÕES	63
MEMÓRIA DAS EMOÇÕES.....	115
CLIMAS E DISPOSITIVOS	
EMOCIONAIS NA ESCOLA	143
EXPERIÊNCIA & EMOÇÕES. CODA FINAL	195

PREFÁCIO

Não temos história do Amor, pensemos nisso. Não temos história da Morte. Não temos história da Alegria. (...) Quando digo: não temos história do Amor, nem da Alegria – é preciso compreender que eu não exijo um estudo sobre o Amor ou a Alegria através de todos os tempos, todas as idades e todas as civilizações. Indico uma direção de pesquisa. (...) Eu peço que se abra um vasto inquérito colectivo sobre os sentimentos fundamentais dos homens e suas modalidades. Quantas surpresas a prever!

Lucien Febvre*

Com estas palavras, Lucien Febvre convocava os historiadores, na década de 1940, a reconstruir a vida afetiva do passado, situando as emoções no centro da investigação histórica; tarefa essa que, segundo suas advertências, se mostrava “extremamente atraente e terrivelmente difícil”. A direção de pesquisa indicada pelo historiador francês ganhou impulso nas últimas décadas, quando as emoções passaram a ocupar um lugar de destaque na agenda dos historiadores e dos estudiosos das ciências humanas e sociais, dando ensejo ao que os analistas têm considerado como um *affective turn*, giro interpretativo que parte do questionamento da primazia do *logos* na história da sociedade e na formação dos sujeitos.

Os apelos de Febvre encontram eco na publicação da coleção *Histoire des émotions*, organizada por Alain Corbin, Jean-Jacques Courtine e Georges Vigarello, a qual se volta para o intento de fazer da emoção o objeto central de um estudo de longa duração: “notre ambition est plutôt de suivre pas à pas la présence de l’émotion dans

* Lucien Febvre. *Combates pela história*. Lisboa: Editorial Presença, 1989, p. 230.

l'histoire, de mesurer l'épaisseur qu'elle peut donner au temps, son impact sur la sensibilité, la couleur, la tonalité, de chaque ensemble culturel".* Enfatizando a historicidade das emoções, os organizadores da coleção assinalam que, embora elas possam ser tomadas como experiências comuns e reações aparentemente partilhadas, não se pode perder de vista que os significados das emoções, suas formas, suas nuances e sua intensidade variam conforme a cultura e o tempo histórico.

Os historiadores da educação não têm se mostrado indiferentes a essa discussão. Em artigo publicado em 2012, Noah Sobe indagava acerca das contribuições do estudo das emoções e dos afetos para a compreensão do passado educacional.** Partindo da afirmação da legitimidade da história das emoções, suas análises permitem prever o florescimento de estudos histórico-educativos que se voltem para as dimensões social e cognitiva da vida emocional. Apontam, ademais, para a possibilidade de que tais estudos não se limitem apenas às regras que prescrevem os comportamentos e regulam as condutas, mas contemplem também a experiência emocional dos sujeitos da escolarização.

Nessa direção convergem as reflexões de Agustín Escolano neste livro que, seguramente, se constitui em uma importante contribuição para todos os que se interessam pela compreensão da escola, em perspectiva histórica. Estudioso comprometido com uma escrita da história da educação que permita ter acesso ao "mundo da prática ou da experiência" e sintonizado com as perspectivas abertas pela renovação da historiografia e das ciências humanas e sociais, o autor lança-se ao desafio

* Alain Corbin; Jean-Jacques Courtine; Georges Vigarello. *Histoire des émotions*. v. 1. Paris: Éditions du Seuil, 2016, p. 8.

** Noah W. Sobe. "Researching emotion and affect in the history of education." *History of Education*, vol. 41, 2012, pp. 1-7.

de examinar a presença das emoções na cultura da escola. As indagações propostas nesta obra ensaística têm como foco a compreensão da genealogia e da construção sócio-histórica da cultura da escola como uma “cultura de emoções e de sentimentos”.

Revisitando algumas das indagações que têm orientado os seus estudos sobre a cultura empírica da escola e submetendo as fontes a um novo e instigante questionário, o pesquisador põe em cena uma possibilidade extremamente fecunda de reflexão sobre o passado educacional, a qual se volta para o exame da dimensão afetiva da formação que se opera na escola, por meio de um olhar que procura flagrar os climas emocionais e os dispositivos de controle afetivo. Suas reflexões convocam os estudiosos a historicizar as emoções e os sentimentos que acompanham a passagem por essa instituição que foi se tornando, a partir da Modernidade, um lugar central na socialização das crianças e dos jovens.

O exame dessa dimensão acena, conforme sublinha o autor, para a emergência de “um novo capítulo de uma história da experiência em educação, uma corrente inovadora de amplo alcance, ainda em estado incipiente de proposição e desenvolvimento, que poderia afetar a episteme e a construção histórica de uma cultura da escola centrada no estudo das práticas formativas” (p. 195, desta obra) Nessa perspectiva, esta obra com que nos brinda o estudioso, tecida a par do exame sistemático de um amplo acervo de fontes – muitas delas reunidas por meio do persistente e criativo labor que vem sendo desenvolvido no âmbito do *Centro Internacional de la Cultura Escolar* (CEINCE), sediado em Berlanga de Duero, Espanha –, oferece significativas contribuições para uma escrita da história da educação fundada em novas e desafiadoras interrogações. De suas páginas, emerge o convite a um novo mergulho na cultura da escola, que permita indagar sobre os vínculos entre cognição, emoções e sentimentos.

Com base na leitura crítica das contribuições advindas da psicologia, da neurociência, da antropologia cultural, da filosofia e da história, o autor busca refletir sobre o lugar das emoções e dos sentimentos nas formas de sociabilidade e, em particular, na socialização escolar. Assim, sem negar a dimensão biológica do comportamento humano, oferece importantes aportes para o estudo do caráter social das emoções e das suas vinculações com as exigências postas pela cultura. Ademais, chama a atenção para o componente racional ou intelectual das emoções, numa análise refinada e densa que, a cada passo, adverte para a necessária articulação entre o cognitivo e o emocional.

Os quatro capítulos em que está organizada a obra convidam a seguir as sendas que vão sendo abertas pelo autor, em sua indagação arguta e perspicaz acerca da presença e do papel assumido historicamente pelas emoções e pelos sentimentos na cultura da escola. O percurso de leitura proposto por Escolano torna visíveis as práticas por meio das quais se materializam o governo das instituições educativas e a gestão das emoções; as representações das emoções nas fontes textuais e iconográficas, nos objetos materiais e nas narrativas dos sujeitos escolarizados; bem como os climas emocionais e os dispositivos de controle da afetividade. No exame do processo pelo qual a criança se constitui em aluno, suas reflexões se voltam, nesse sentido, para a dimensão da gestão emocional, com o intento de perscrutar os modos como os climas e os dispositivos de controle afetivo operam nas práticas de formação.

Sua acurada análise se detém sobre os espaços e objetos materiais; os tempos e ritmos; os códigos da disciplina e da urbanidade; as sutilezas da linguagem educativa; as estruturas textuais e iconográficas dos manuais escolares e dos diversos impressos postos em circulação no âmbito da instituição escolar. Como em alguns de seus estudos anteriores, o autor sublinha a centralidade dos

espaços, dos tempos e das escritas na compreensão da cultura escolar, neste caso como elementos implicados na conformação de uma determinada sociabilidade afetiva.

No tratamento dessas questões, Escolano inspira-se amplamente nas reflexões de Michel Foucault, para sublinhar não apenas os aspectos ligados à disciplina e ao controle, mas também a possibilidade de uma educação que contribua para a emancipação dos sujeitos em relação às amarras e coações que se impõem a todos e a cada um de nós no tempo presente. Nessa perspectiva, as reflexões do autor apontam, ademais, para os impactos do estudo do passado educativo sobre as práticas escolares presentes, uma vez que, segundo adverte: “integrar a história da educação no contexto da história das emoções implica em revisar as práticas da experiência formativa, com base em uma dupla crítica: como práticas libertadoras, de um lado, e como práticas de dominação, de outro” (p. 201, desta obra).

Alegria, felicidade, esperança, empatia, amor, satisfação, mesclados com tédio, medo, temores, pudor, vergonha, sofrimento, culpa, ira compõem alguns dos delicados fios de que se tecem as sensíveis e potentes reflexões de Escolano, neste convite a uma imersão na gramática da escolarização, pensada como uma forma de fazer falar alguns dos silêncios que cercam a constituição da subjetividade das crianças e jovens. Silêncios que, nesse caso, incidem sobre a dimensão afetiva da experiência educativa ou, em outras palavras, sobre as disputas em torno da gestão das emoções e dos sentimentos nas intrincadas tramas das práticas escolares.

O desafio a que nos convida Escolano é, como já advertia Febvre, ao mesmo tempo, atraente e difícil. No entanto, diante das dificuldades da tarefa, cabe refletir sobre os alertas que emergem da leitura desta obra, quanto às consequências do silêncio em relação a essa dimensão da experiência humana e às responsabilida-

des que se impõem aos historiadores da educação: “se a historiografia educativa ignorar esta dimensão afetiva do passado das sociedades, suas conclusões sobrevoarão a realidade do mundo da vida na qual se formam os sujeitos, derivando para uma nova forma de alienação intelectualista e moral, isto é, para uma episteme enviesada e superestrutural” (p. 198, desta obra). Parafrazeando Febvre, poderíamos perguntar: e então? E concluir, inspirados em Febvre e Escolano: o historiador (da educação) não tem o direito de desertar!

Heloísa Helena Pimenta Rocha (Unicamp)

PRÓLOGO

Quando comecei a leitura do livro para o qual redigi este prólogo não imaginava a concretude do contexto encadeado pela composição política do final da segunda década do novo século: um país cindido, um Brasil assustado pelos resultados das eleições gerais, que incluem a presidência da República, uma nação que mais do que nunca precisará educar suas emoções. Mas, esse é também um país de resistência, de arranjos políticos inusitados, de lideranças que surgem acolhidas pela experiência daqueles que muito já trilharam.

Não somos uma unidade isolada; os assustadores avanços de um capitalismo na sua versão mais destrutiva ameaçam o planeta. Muito do que imaginávamos educado se expressa mundo afora em ataques xenofóbicos, homofóbicos, racistas... numa onda de destruição que certamente precisará da escola como lugar e possibilidade de se arquitetar formas mais solidárias e universais de existência e garantia de sobrevivência.

Contudo, a despeito do assombro, os que lidam com histórias, seus registros, suas narrativas, sabem bem que muitos dos que nos antecederam lidaram com cenários destroçados e tiveram que se esperançar na e através da escolarização de crianças, jovens, homens e mulheres...

Não por acaso, a epígrafe escolhida pelo autor para abertura do livro tem origem no texto “La emoción de las cosas” escrito por Antonio Muñoz Molina como apresentação inserida na edição fac-símile da *Cartilha Escolar Antifascista* (Madrid, Viamonte, 1997, original de 1937). Reafirmar que a “emoção das coisas” é o que se recorda talvez nos fortaleça na necessária solidariedade para en-

frentar este cenário, buscando uns nos outros, amparo, força, equilíbrio e compreensão. E, no que nos cabe como ofício, cada um de nós, individualmente e no coletivo, precisará ajustar suas emoções para exercer sobre e com os outros uma educação sentimental de influência duradoura como nos ensina Agustín Escolano.

Ao tratar de diferentes formas de regular corpo e infância como organização do calendário, da jornada escolar, dos espaços, das relações, das atividades pedagógicas... vão se tecendo possibilidades de expressar e formas de conter emoções. Emoções que

(...) foram um motor fundamental da evolução, da história e da vida em comunidade, entretanto os historiadores demoraram bastante tempo para se dar conta disso e, mais ainda, para valorizar a existência e o significado do mundo afetivo, na compreensão e na interpretação da antropologia subjacente às práticas pedagógicas vigentes em cada um dos contextos das sociedades pretéritas. (2021, p. 25)

Em suas investigações e nas análises que ganham as páginas deste livro, Agustín Escolano perscruta textos de referência como os de Jean Jacques Rousseau – *Emilio, o De la educación* (1762) –, de Johann Heinrich Pestalozzi – *Leonardo e Gertrudes* (1781) e *Cómo Gertrudis enseña a sus hijos* (1801) –, e de John Dewey com ênfase em sua conhecida obra *The theory of emotion*, publicada em 1894. O autor segue com obras que adentram o século XX para tratar do desafio e da necessidade de se instituir uma educação que contemple a emoção e o afeto entre seus paradigmas.

A escrita tem o CEINCE como cenário e ponto de aconchego e as letras são conduzidas pelas mãos de

quem, numa longa e produtiva jornada, mantém as emoções atentas e acesas. O tempo, a experiência e a erudição acumulada por este autor fazem emergir com força e grandeza o paradigmático mundo dos afetos, tantas vezes subestimado na reflexão e na prática pedagógica. Incrustado em Berlanga de Duero (província de Sória, comunidade autónoma de Castilla y León) e tendo por pano de fundo um castelo do século XVI, uma edificação que, assim como a escola, foi destruída e reconstruída ao longo dos anos, o CEINCE é hoje um lugar de encontros de pesquisadores do mundo inteiro, de reflexão e de contatos com histórias da escolarização. Não por acaso é de lá que nos vem esta mais que nunca necessária obra e é desses encontros que emerge a parceria de Heloísa Helena Pimenta Rocha e Andréa Bezerra Cordeiro, que se ocuparam do laborioso trabalho de tradução. Uma obra que nos chega num momento único, no qual estamos sendo desafiadas e desafiados diuturnamente a educar e reeducar as emoções.

Vera Gaspar (Udesc)

Introdução

A DIMENSÃO EMOCIONAL DA FORMAÇÃO

*Solo recuerdo la emoción de las cosas,
y se me olvida todo lo demás.
Muchas son las lagunas de mi memoria.*
Antonio Machado, *Los Complementarios*

Este motivo poético é invocado pelo escritor Antonio Muñoz Molina, membro da Real Academia Española, na apresentação da reedição fac-similar de um manual escolar muito singular publicado pelo Estado espanhol, na década de 1930: a *Cartilla Escolar Antifascista*. O texto foi publicado pelo Ministério da Instrução Pública, em plena guerra, para alfabetizar os soldados que combatiam no campo de batalha e suscitar neles, por meio da leitura, emoções heroicas.¹

Aqueles que se iniciaram na cultura letrada com essa cartilha, e sobreviveram à guerra, tiveram nesse pequeno livro, em sua materialidade textual e iconográfica, uma recordação simbólica e real que lhe possibilita lembrar emoções bem registradas na memória. Algo semelhante, embora sem conotações trágicas, aconteceu com José Jiménez Lozano, Prêmio Nacional Miguel de Cervantes, ao encontrar na biblioteca do *Centro Internacional de la Cultura Escolar* (CEINCE) a cartilha *Rayas* na qual, naqueles mesmos anos, havia dado os primeiros passos na leitura.²

1. Antonio Muñoz Molina. “La emoción de las cosas”, apresentação inserida na edição fac-similar da *Cartilla Escolar Antifascista*. Madrid: Viamonte, 1997 (original de 1937).

2. Ver: “Nos visitaron: José Jiménez Lozano”, *Papeles del CEINCE*, 13, 2013, p. 4.

Todos nós recordamos a escola como um espaço metafórico do mundo da vida, em que operam ancoragens afetivas que transformam a experiência vivida em fonte essencial de nossa própria identidade narrativa. O tempo torna-se tempo humano – escreveu o filósofo Paul Ricoeur – na medida em que se articula e se expressa sob a forma de relato, sustentado em grande medida na educação sentimental.³ Os seres humanos dão sentido ao mundo – reafirmava Jerome Bruner – contando histórias, ou seja, usando o modo narrativo de construir a realidade, uma prática discursiva que é, em parte, uma rebelião contra o racionalismo dominante nos modelos comunitários em voga, porque nela sempre afloram as emoções que se associam à experiência.⁴

A imersão na escola é um fato que afeta o mundo emocional. Desde a saída do nicho ecológico da família, e ao longo de todo o processo da segunda socialização oferecida pela escola, a criança – que se metamorfoseia, convertendo-se em aluno – se vê submetida ao jogo exercido sobre ela pelos diversos climas e dispositivos de controle afetivo postos em ação pelo biopoder pedagógico. Esses climas e dispositivos incluem os mecanismos da formação: a ergonomia dos novos espaços e utensílios; os biorritmos dos cronogramas institucionais que se sobrepõem aos domésticos; os códigos da urbanidade, da disciplina e

3. Paul Ricoeur. *Tiempo y narración III. El tiempo narrado*. México: Siglo XXI, 1996. [N.T. Disponível em português: Paul Ricoeur, *Tempo e narrativa*. Trad. Roberto Leal Ferreira. Campinas: Papirus, 1997. *Tempo e narrativa* é o título da obra fundamental do filósofo Paul Ricoeur, publicada originalmente pela Seuil, em 1984. Foi lançada no Brasil pela Papirus, no ano de 1994, dividida em três tomos].

4. Jerome Bruner. *La educación, puerta de la cultura*. Madrid: Visor, 2000, p. 149-150. [NT. Título original: *The culture of education*, 1997. No Brasil, a obra foi publicada em 2001 pela Editora Artmed, com tradução de Marcos A. G. Domingues].

do ritualismo que regem o governo da educação; as sutilezas do pudor, da sedução e do humor que acompanham as linguagens educativas; as estruturas textuais dos manuais escolares e as regras da escrita; as mensagens da iconografia que inunda todos os âmbitos da instituição... Todos os elementos que definem o regime escolar comportam, cada um separadamente e em conjunto, uma semântica que exerce uma educação sentimental bem definida e de influência duradoura sobre toda a infância.

Esse pano de fundo carregado de afetividade acompanha não apenas os elementos cognitivos da formação; potencializa ou neutraliza igualmente outros mecanismos complexos. Com isso, as vivências emocionais contribuem para conformar a subjetividade humana, o que se evidencia quando aflora na narrativa das biografias qualquer estímulo que ativa a memória. Isso ocorre porque a cultura da escola é um conjunto holístico de cognições e emoções em interação. Ao soar uma canção aprendida na infância, se ativa uma emoção antiga que está integrada no palimpsesto da memória, nosso substrato antropológico. O mesmo acontece ao encontrarmos com a cartilha na qual começamos a ler ou o caderno em que deixamos o registro gráfico de nossas primeiras impressões escritas. E, evidentemente, alguma coisa deixaram em nossa sociabilidade afetiva os pares de idade, com quem convivemos durante anos nas salas de aula e nos pátios de recreio, ou aqueles que nos educaram, entenderam, premiaram ou castigaram. Ninguém esquece, evidentemente, um bom professor, nem tampouco um regime disciplinar.

A história da escola não pode ignorar a dimensão emocional da formação humana. O passado formativo não é, certamente, o resultado de nenhum *logos* discursivo – rigoroso talvez em seus pressupostos e métodos, mas sempre externo ao mundo vivido. Também não é o efeito induzido por um projeto emancipatório, em parte

programático e em parte mitologizado. A cultura escolar que interessa ao historiador é a que se gesta nas práticas empíricas ocorridas em contextos reais e postas em ação por sujeitos que operam, frequentemente, de modo sinérgico, com cognições e emoções. Essas questões são estudadas, atualmente, pela nova neurociência, conforme veremos mais adiante.⁵ As práticas educativas, que se generalizaram com a universalização da escola, construíram uma nova subjetividade e uma nova cultura, dando origem, além disso, a uma renovada antropologia e a novas formas de sociabilidade, que incluem também o mundo das emoções.

Antonio Valleriani, fundador do Círculo Hermenêutico de Teramo, na Itália, ao falar da “hermenêutica da infância”, recorre ao *ludus* e ao teatro para buscar, nas simbolizações que se expressam nessas práticas cênicas, as chaves explicativas do jogo interativo entre o cognitivo e o emocional.⁶ Com efeito, são os gestos, as máscaras e os ritos os sintetizadores do *habitus*, que combina o conhecimento e a afetividade nos processos de formação. O gesto é expressão do rosto, um ríctus emotivo que Darwin observou, inclusive nos animais. A máscara é a face visível da personalidade, uma interface que, ao mesmo tempo, mostra e oculta sinais emocionais. O rito é a cerimônia que define as regras sociais reguladoras da convivência escolar, controlando os sacrifícios impostos à espontaneidade infantil para acomodar-se às exigências da vida em comunidade. Todas essas condutas tingem a emotividade dos sujeitos, tanto em sua execução como no relato da sua rememoração.

5. António Damásio. *Y el cerebro creó al hombre*. Barcelona: Destino, 2010, p. 176 ss. [NT: Publicado no Brasil pela editora Companhia das Letras em 2011, sob o título *E o cérebro criou o homem*].

6. Antonio Valleriani (ed.). *Il gioco, el volto e la maschera. Per un'ermeneutica dell'infanzia*. Teramo: Andromeda, 2001.

O conjunto dos ensaios incluídos nesta publicação aborda a genealogia e a construção sócio-histórica dessa cultura das emoções e dos sentimentos, até agora ignorada pelos analistas do passado da formação, mais propensos ao idealismo e ao historicismo. A obra está estruturada em quatro capítulos, nos quais se analisam – com base na nova episteme que emerge com o impacto do chamado *affective turn* na historiografia, bem como nas ciências humanas e sociais em geral -, as práticas em que se materializa o governo das instituições de educação, concretizadas nas formas adotadas pelos regimes e dispositivos do biopoder educativo. Também são examinadas as representações das emoções na história registrada e na memória dos sujeitos. Espaços, tempos e escritas são, além de estruturas materiais da educação, registros visuais e etnográficos, com forte carga semântica, e referentes da memória do vivido. No que tange à oralidade, a memória relatada é uma fonte essencial, que complementa a arqueologia do material, tecendo com vigor a construção das imbricações entre o cognitivo e o emocional.

Na atualidade, não apenas a psicologia postulou a existência de uma inteligência emocional.⁷ Recentemente, a ciência política introduziu o conceito de psicodemocracia para explicar os novos comportamentos dos cidadãos, em cujas decisões intervêm não somente as razões da lógica e o interesse, mas também o preconceito e as emoções. O ensaio de Gabriele Giacomini, intitulado *Psicodemocrazia*, faz alusão às evidências históricas do peso da irracionalidade na ascensão social dos fascismos e populismos (algo que nós historiadores temos documentado suficientemente), para então adentrar na

7. Daniel Goleman. *Inteligencia emocional*. Barcelona: Kairós, 1996. [NT. Publicado originalmente nos Estados Unidos em 1985. No Brasil a tradução da obra veio a lume em 1996 pela Editora Objetiva].

interpretação de muitos comportamentos sociopolíticos de nosso tempo, nos quais o fascínio do irracional, o narcisismo das lideranças e as retóricas da sedução condicionam a práxis e o discurso do público. Isso explica em parte o fato de o *Oxford Dictionary* ter incluído, em suas duas últimas edições, os termos *emoji* e *post-truth* (*emoticons* e pós-verdade). O primeiro refere-se ao pictograma que expressa, ao mesmo tempo, emoções de acordo com critérios que podem variar culturalmente, incluídas as opostas, como a tristeza e a alegria – uma fusão que se manifesta hoje, como se manifestava em outras épocas, em culturas arcaicas. A pós-verdade diz respeito ao peso que o emocional adquiriu hoje, na conceituação da realidade, e ao peso da irracionalidade em questões relevantes que afetam a sociedade pós-moderna e a convivência na democracia.⁸

Em um plano mais pragmático, a moderna economia vem sublinhando o interesse da neurociência por conhecer o impacto das emoções, assim como dos sentimentos de identificação e empatia, em determinadas decisões relativas ao consumo de bens e até nos resultados finais das empresas⁹. Na filosofia da cultura, George Steiner chamou atenção para os riscos de a educação matar os sonhos da infância – primeiro mitos, depois fatos, proclamou há um século Ortega y Gasset – resultando na reaparição do *idiotes* aristotélico, o sujeito não-cidadão, um indivíduo sem rumo e sem sentido, entregue às derivas pós-modernas, carregadas todas elas de notórios componentes de irracionalidade.¹⁰

8. Gabriele Giacomini. *Psicodemocrazia. Quanto l'irrazionalità condiziona el discurso público*. Milano: Mimesis, 2016.

9. Richard Barrett. *A new psychology of human well-being*. London: Barrett Values Centre, 2015.

10. Ver: George Steiner. *Lecciones de los maestros*. Madrid: Siruela, 2005. [NT. Obra publicada no Brasil em 2005 pela Editora Record, sob o título *Lições de mestres*. Tradução de Maria Alice Máximo].

Todas as disciplinas humanas, como se verá, registram hoje o influxo da virada afetiva¹¹ e revisam suas respectivas epistemes, bem como seus programas de investigação. Esta obra sugere modos de revisão da historiografia educativa, um campo acadêmico até hoje demasiadamente marcado pelo idealismo e pelas ilusões pseudoliberadoras, e pouco atento às saudáveis razões da prática para as quais convidava o sociólogo Pierre Bourdieu; móveis que não excluem os componentes simbólicos das emoções e das paixões, que sempre operaram no mundo do factual.¹²

Nestas perspectivas introduzidas pela história das emoções residem certas chaves que ajudarão a entender algumas das distorções semânticas geradas, ignoradas ou silenciadas pelos analistas do passado da formação. Aproximar a história educativa dessas abordagens é também uma operação intelectual, que possibilitará introduzir um humanismo mais culto e profundo na compreensão do passado e do presente de nossa formação, e permitirá, ademais, aproximar nossa disciplina do diálogo com outros saberes, não apenas humanísticos, mas também do âmbito das ciências biológicas. Perspectiva essa que, em outros tempos, poderia parecer uma deriva inoportuna, mas que hoje se percebe como um horizonte fecundo no empreendimento de conhecer mais globalmente a condição humana e o fenômeno da educação.

11. NT. No original, *affective turn*.

12. Pierre Bourdieu. *El sentido práctico*. Buenos Aires: Siglo XXI, 2007, pp. 148-149. [NT. Traduzido para o português por Maria Ferreira, sob o título *O senso práctico*, e publicado pela Editora Vozes, em 2009].